

Aproximações entre a Folkcomunicação e a Educomunicação: Para pensar a formação do ativista midiático na escola pública e os desdobramentos para o ativismo político-social-cultural¹

Approaches between Folkcommunication and Educommunication:
Thinking about the formation of the media activist in the public school
and the developments for political-social-cultural activism

Itamar de Moraes Nobre²
Alice Oliveira de Andrade³
Beatriz Lima de Paiva⁴

Resumo: Discute-se sobre a aproximação dos campos da Folkcomunicação e Educomunicação, sob a perspectiva das Epistemologias do Sul. Para exemplificar, compartilhamos as experiências vivenciadas na Escola Municipal Francisco de Assis Varela Cavalcante (Natal/Rio Grande do Norte/Brasil), no projeto Mais Guarapes Comunicação. Como resultados prévios da pesquisa em desenvolvimento, apontamos para a formação do possível ativista político-social a partir da utilização das tecnologias digitais no processo educacional.

Palavras-Chave: Folkcomunicação. Educomunicação. Ativista político-social. Mais Guarapes Comunicação.

¹ Trabalho apresentado à DTI - 13 - FOLKCOMUNICAÇÃO do XV Congresso IBERCOM, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017.

Recorte de pesquisa realizada no regime de pós-doutoramento do prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre, entre 2014 e 2015, no CES - Centro de Estudos Sociais, da UC - Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, sob a supervisão do Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos. Na época a pesquisa foi financiada pela CAPES, Processo BEX nº 1673/14-9. O projeto e pesquisa vêm sendo continuados no Grupo de Pesquisa Ecomsul/UFRN, com a participação das pesquisadoras citadas como co-autoras do trabalho.

² Docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (DECOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura (Ecomsul/UFRN). Email: itanobre@gmail.com.

³ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura (Ecomsul/UFRN). Email: alicelandrade@live.com

⁴ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Radialismo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura (Ecomsul/UFRN). Email: beatriz_lima2@hotmail.com

Introdução

A sociedade está em rede, vive em rede, uma associação de ideias e procedimentos que podem se configurar a partir de uma diversidade de pontos de vistas, em um mesmo espaço, em espaços físicos ou virtuais, desde que reúna personagens e pensamentos comuns ou mesmo contraditórios, com probabilidades de debates, quando se tornam diferentes ou compartilhamentos quando se tornam iguais.

Além do espaço físico para se articular e socializar as suas práticas comunicacionais, na atualidade a sociedade comunica-se com mais ênfase através de interfaces, em uma vasta rede virtual social, especialmente com o advento da rede mundial de computadores, a Internet. Exemplos notáveis são os usos dos aplicativos ou interfaces como *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, *Linkedin*, *Twitter*, *Flicker*, *Viber*, *Skype*, sendo estes os mais usuais entre outros menos divulgados ou que estão surgindo. Aplicativos utilizados indiscriminadamente nos diversos momentos da vida pessoal, social, profissional, política e cultural dos usuários destes bens virtuais.

As motivações são diversas, desde a necessidade de aparição social, explicitada em forma de divulgação e de inserção de dados como textos, fotografias e vídeos relacionados à vida pessoal, especialmente a doméstica, retratando as festas entre amigos e familiares, sobre o gozo do lazer nos finais de semana, comemorações de aniversários, exposição das relações nos ambientes de trabalho, ou das competências profissionais, exposição das alterações estéticas pessoais, no campo da beleza e da moda, a superexposição da sensualidade, quer seja masculina ou feminina, podendo ser vista, de certa forma, como uma expressão narcisista em diversos casos.

Observa-se a exposição de opiniões elogiosas ou repulsivas referentes a algum comportamento agradável ou ofensivo ao autor da inserção, referente à mensagem com teor inverso. Publicam-se mensagens indiretas para desafeitos pessoais, ampliam-se conquistas de amizades virtuais, cujos referenciais são pessoas desconhecidas, jamais vistas ou perdas de amigos, a partir de bloqueios ou veto dos nomes de pessoas bem próximas, conhecidas ou desconhecidas, consideradas impróprias para fazerem parte do círculo de amizades virtuais.

Por outro lado a rede mundial de computadores tem servido para manifestações de opiniões políticas e culturais sobre governos, ou qualquer outra entidade ou Instituição, feitas

por indivíduos ou coletivos, em defesa de interesses pessoais ou que tenha como objeto de defesa interesses da sociedade civil, a partir de diversas parcelas da sociedade como militantes de organizações da sociedade civil, partidos políticos ou simpatizantes, como estudantes, movimentos representantes das consideradas “minorias sociais”, categorias oprimidas, movimentos livres, como a “Revolta do Busão” e o “Movimento Passe Livre”, no Brasil.

Em especial, e em tempo recente (2014), ainda no Brasil, podemos dar destaque às eleições majoritárias (para Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador, Governador e Presidente da República), cuja mobilização de eleitores e militantes teve como cenários mais representativos o *Facebook* e o *Twitter*, em uma combativa guerra ideológica e partidária, entre pessoas desconhecidas ou conhecidos pessoais e também virtuais, afetando até relações de amizade, quando opiniões divergentes sobre posições políticas chegaram a proporcionar afastamentos, ao menos virtuais, de pessoas próximas.

Neste texto, propõe-se a aproximação entre os campos epistemológicos da Folkcomunicação e da Educomunicação através da formação de um ativista midiático político-social-cultural em uma escola pública com base na leitura do conceito proposto por Trigueiro (2008). A pertinência do trabalho para a DTI 13 – Folkcomunicação baseia-se na investigação e possibilidade de reflexão sobre os seguintes pontos: 1) sinais, características e tendências epistemológicas da Folkcomunicação e da Educomunicação, sob a ótica das Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2010); 2) os campos da comunicação, educação e cultura, como interfaces para a visibilidade dos saberes e a emancipação social; 3) as possibilidades das contribuições teóricas da obra de Boaventura de Sousa Santos na Comunicação Social; 4) a ampliação dos estudos sobre a Folkcomunicação e Educomunicação, como associação de saberes no contexto das Epistemologias do Sul; 5) o cenário escolar como repositório para a formação do ativista midiático, como possível protagonista das ações de transformação social, com caráter contra-hegemônico.

A proposta tem como referencial de investigação, ou objeto de estudo, um projeto de extensão – o qual também apresenta vieses de ensino e pesquisa - desenvolvido no ano de 2016, com desdobramento para 2017, intitulado: Agências Fotec e Mais Guarapes: comunicação e educação na universidade e na Escola Municipal Francisco de Assis Varela

Cavalcanti, aprovado e cadastrado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sob o código: PJ531-2017. A ação é desenvolvida em uma escola pública, provida pela Prefeitura Municipal de Natal (capital do Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil), a Escola Municipal Francisco de Assis Varela Cavalcanti, localizada no bairro Guarapes.

Mais Guarapes Comunicação: o cenário escolar como repositório para a formação do ativista político-social

A partir deste ponto do texto, compartilharemos as experiências vividas no projeto Mais Guarapes Comunicação, uma iniciativa extensionista com base na interface entre a Comunicação e a Educação. Observamos que as vivências no projeto, documentadas entre os anos de 2016 e 2017, podem estimular a formação de um ativista em viés político-social. Sob coordenação geral do professor Itamar de Moraes Nobre, o projeto é integrado por alunos da graduação em Jornalismo e Audiovisual da UFRN, e da pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da mesma Instituição, que desenvolvem ações as quais têm, como objetivo principal, experiências práticas em comunicação social, experimental e multimídia em formato de agência de comunicação.

O *locus* de implementação das atividades é escola municipal da Cidade do Natal (capital do Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil), especificamente no bairro Guarapes, chamada Escola Municipal Francisco de Assis Varela Cavalcanti (EMFAVC). Os participantes são alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, cuja faixa etária varia entre 13 e 16 anos de idade. A estratégia metodológica principal para a vivência em campo é a pesquisa-ação, ancorada nos dados coletados durante a vivência da equipe na escola, tanto os docentes e alunos da UFRN, como os gestores e docentes da escola Varela Cavalcanti, na observação, no registro fotográfico e videográfico, nos relatórios elaborados pela equipe e na pesquisa bibliográfica.

O ambiente educacional já está imerso em um contexto comunicativo permeado pela presença de tecnologias digitais. Desde o início do século XXI (LÉVY, 1999), com a dinamização e massificação dos computadores pessoais, a sociabilidade escolar acompanha um desenvolvimento cíclico de aparatos eletrônicos que hibridizam atividades como

entretenimento, interação, convivência e o próprio aprendizado. Dessa forma, não cabe à escola permanecer alheia a essa situação, e sim apropriar-se desses meios para auxiliar a aprendizagem de conteúdos curriculares ligados às atividades de classe.

As tecnologias no processo de comunicação e educação são problematizadas como um desafio para os comunicadores e educadores, pois sua ampla utilização pode contextualizar macroprocessos, como o exercício da democracia, expressão cultural e circulação/consumo de conhecimento (OROZCO-GÓMEZ, 2011). Por essa razão, no Mais Guarapes Comunicação, as vivências dos alunos na agência experimental propiciam aos mesmos a elaboração de notícias, registros fotográficos, audiovisuais e textos literários e a posterior veiculação na Internet através dos canais midiáticos do projeto⁵.

O papel do educador, contudo, diante das novas tecnologias não é inerte. As práticas educacionais em um contexto de cibercultura e imersão ubíqua no mundo por parte dos estudantes devem ser exploradas pelos professores no sentido de orientar, auxiliar e estimular a promoção de um conhecimento prudente que contribua para a educação ligada à cidadania, reflexão e ativismo social. As ferramentas tecnológicas podem ser instrumentos de um planejamento pedagógico a partir do momento em que seu uso é incentivado no caminho da comunicação dialógica e afetiva, potencializando a postura crítica dos jovens diante do mundo que os cerca, ao invés de mantê-los na recepção passiva.

Na conjuntura atual, em que as tecnologias da informação e da comunicação estão presentes nos ambientes escolares, é preciso associar a boa vontade dos professores e gestores à dos alunos aprendizes e às suas necessidades e desejos de terem acesso a elas, utilizando-se da linguagem como ferramenta para a interação e aproximação, entre os indivíduos aprendizes (NOBRE; GICO, 2016, p.32)

Por essa razão, como passos iniciais desse processo extensionista, promoveram-se oficinas voltadas para a prática jornalística ministradas por alunos da própria UFRN, em temáticas voltadas para: produção de texto, linguagem fotográfica, telejornalismo, pauta, edição de vídeo e radiojornalismo. Com a realização dessa etapa, esperou-se oferecer uma orientação sobre a utilização das tecnologias digitais, com foco no *smartphone*, para a

⁵ Blog: <https://maisguarapescomunicacao.wordpress.com/>; Facebook: <https://goo.gl/fdKUMQ>
Instagram: <https://www.instagram.com/maisguarapescomunicacao/>; Youtube: <https://goo.gl/D1bAKu>

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

produção jornalística pautada em uma sensibilização para produções que estimulassem a consciência acerca do direito-cidadania-emancipação social aos jovens, ao mesmo tempo buscando a aproximação entre os alunos da Escola Pública e os da Universidade. A partir da prática da comunicação multimídia, objetivou-se estimular nos alunos o desejo de ingresso em um curso superior e incentivar a apreciação pela comunicação social, valorizando também a divulgação de atividades da Escola Municipal Francisco de Assis Varela Cavalcanti e da comunidade do Guarapes.

Imagem 01: Alunas do Mais Guarapes Comunicação. Natal, Brasil. 2017.



Fotografia: Alice Andrade

Imagem 02: Produção dos alunos veiculada no canal Mais Guarapes Comunicação. Natal, Brasil. 2017.



Fonte: canal Mais Guarapes Comunicação (Youtube)

Após as oficinas, foi possível perceber o encantamento dos jovens integrantes do projeto pela Comunicação Social, pois espontaneamente foram se dividindo entre suas áreas de maior interesse - texto, fotografia, reportagem de vídeo e rádio. Atribuímos esse interesse, em especial, devido à possibilidade de expressar sua cultura histórica local e de mostrar os pontos positivos de uma comunidade constantemente posta em exposição pela mídia em um viés negativo.

Metodologicamente, optamos por sugerir as pautas aos alunos, os quais assumiram para produzir aquelas que lhes incitassem maior interesse particularmente ou em conjunto.

Todavia, aproximadamente três meses após o início das atividades de produção jornalística dentro da escola, percebemos que o caminho inverso estava sendo trilhado: as temáticas para o desenvolvimento das atividades eram sugeridas pelos próprios estudantes.

No mês de setembro de 2016, com o objetivo de estimular o olhar crítico dos estudantes sobre temáticas de interesse público que faziam parte de suas experiências na comunidade, foi realizada uma palestra com o tema “Violência contra a mulher”. Foram debatidos pontos sobre o papel social feminino, o respeito por parte dos homens, autoestima e, além disso, o papel da mídia nesse processo. Na semana seguinte, a equipe universitária do projeto Mais Guarapes Comunicação foi surpreendida por um resultado inesperado. Uma das jovens da equipe de texto, de 15 anos, produziu um texto com teor crítico⁶ sobre os assuntos vistos na palestra e explanou suas apreciações. Esse foi um dos principais momentos da ação extensionista no qual pudemos perceber a eficiência do estímulo oferecido para uma sensibilização acerca da cidadania e liberdade de expressão.

As tecnologias digitais têm potencial educacional. A possibilidade de conexão à Internet, ferramentas de busca, interatividade e ferramentas de produção jornalística podem, quando há planejamento, oferecer alternativas positivas ao processo de ensino, aprendizagem e análise crítica das mensagens, especialmente quando esse trabalho é feito através de um envolvimento afetivo e sensível dos aprendizes.

Além disso, esses dispositivos tecnológicos propiciam a vivência e ligação com problemáticas que fazem parte da realidade dos jovens, abordando todas as subjetividades que são incitadas na mente deles durante o processo criativo. Essa alegação é baseada em nossa vivência metodológica no Mais Guarapes, a qual pode ser exemplificada a partir da produção de uma produção em audiovisual com dispositivos móveis cuja pauta foi a entrevista com uma benzedeira⁷ que, assim como os adolescentes, também habita o bairro do Guarapes.

Todo o processo criativo, desde a concepção da pauta até sua produção e edição, foi feito pelos alunos de maneira autônoma. Os dispositivos móveis digitais, nesse sentido, articulam diferentes formas de expressão do cotidiano local, agregando uma experiência

⁶ Texto disponível em: < <https://maisguarapescomunicacao.wordpress.com/2016/09/17/violencia-contra-a-mulher/> > acesso em: 13 out. 2017

⁷ Produção disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KHPapuy-HMs> > acesso em: 13 out. 2017

multissensorial e multimídia para constituir um sentido de aprendizagem para os jovens produtores desse conteúdo acerca da sua localidade.

O projeto, ainda em desenvolvimento, demonstra sinais de concretização dos , objetivos iniciais. Sendo assim, como resultados parciais, temos a trajetória trilhada pelos alunos integrantes do projeto que aponta para a sua formação como ativistas midiáticos em uma vertente histórica-social-cultural-política-religiosa, representada através de sua produção em conteúdo audiovisual por meio de dispositivos móveis digitais (*smartphones*).

Assim sendo, podemos pensar que há um caráter de circularidade no processo de emancipação social, não sendo esse um processo conclusivo, mas de ação circular e dinâmica, instituído por conquistas parciais, em busca do direito, da justiça social e cognitiva. (NOBRE; GICO, 2016, p.35).

Podemos perceber, dessa maneira, a partir das atividades educacionais desenvolvidas na escola, a formação de um ativista político-social no entendimento das práticas comunicativas sociais por parte do meio popular, e da compreensão desta por nós, pesquisadores, no caminho da emancipação social e da visibilidade de saberes para uma vida cidadã.

Sinais, características e tendências epistemológicas da Folkcomunicação e da Educomunicação, sob a ótica das Epistemologias do Sul

Antes de problematizarmos a questão da Folkcomunicação e da Educomunicação sob o viés das Epistemologias do Sul, é preciso realizar uma contextualização acerca da web enquanto ambiente virtual de ativismo midiático. Dessa maneira, vê-se Internet sempre foi território de disputas. Desde sua origem, vinculada ao período de guerras, é espaço de estratégias e controle (MALINI; AUTOUN, 2013) de superpotências Capitalistas e Socialistas. A contestação do poder e do direito à expressão na era moderna, em especial após o advento da internet, fomentou a criação de espaços de autonomia, tanto na ambiência virtual quanto em manifestações físicas nos espaços urbanos. Castells (2013) atribui essas mobilizações às redes sociais na Internet, pois elas não são monopolizadas pelo governo, assim como grande parte dos canais de comunicação tradicionais.

O conceito de "cyber" surge inicialmente nos estudos da Cibernética de Nobert Wiener, em 1939. Outros autores abordados no texto se apropriam desse cibercontexto para desenvolver conceituações relacionadas às lutas e conflitos em rede, como Ciberativismo, midialivrismo ciberativista e o midialivrismo de massa (MALINI; ANTOUN, 2013); Movimentos sociais conectados em rede (CASTELLS, 2013); e Net-ativismo (DI FELICE, 2013).

Nesse sentido, percebe-se que o uso habitual, cotidiano, frequente das mídias sociais pode provocar uma espécie de esquecimento por parte dos autores de suas responsabilidades e valores, além da percepção de que se encontram expondo opiniões em um espaço público. As mensagens encontram-se em situação de exibição, em uma vitrine, em um portfólio de ideias, de certo modo, reveladoras do seu verdadeiro caráter ou por vezes há um encobrimento do seu padrão comportamental, sendo a rede também usada como uma forma de divulgar informações falseadas, como máscaras, ao seu respeito.

Contudo, esse cenário de diversidade tem favorecido a democratização da comunicação pela população, sendo um espaço aberto para a manifestação do pensamento ativista de diversas categorias do meio popular que fazem uso desse canal para expressar suas ideias ou combater as contrárias às suas. Com isso a facilitação que encontram tais ativistas para divulgar o seu pensamento, suas informações a respeito da perda de direitos ou das ocorrências políticas no país, tem favorecido o crescimento quantitativo e qualitativo das parcelas da sociedade interessadas em se fazerem presentes nos processos e movimentos reivindicatórios de direitos sociais, políticos e culturais, como uma atividade intrínseca à sua cidadania.

Como de um modo geral a mídia televisiva, radiofônica e impressa, incluindo-se também parte da mídia online, está a serviço dos grupos dominantes, quer sejam empresários ou políticos, priorizando as mensagens reforçadoras da dominação, os movimentos vinculados à classe subalterna ou aos desfavorecidos pela hegemonia, quer dizer, inseridos no campo contra-hegemônico da sociedade, encontraram nas mídias sociais virtuais um suporte muito apropriado para suas ações ativistas ou divulgação e articulação destas, além daquelas possibilidades de uso, relacionadas à vida pessoal, como dito no início do texto. Nessa

perspectiva as mídias e redes sociais virtuais têm servido como um dispositivo de apoio aos movimentos contra-hegemônicos estudantis, sindicais, artísticos, culturais, políticos.

As formas de ação priorizando as defesas dos direitos sociais, políticos e culturais na sociedade civil tem tido protagonistas cuja formação está inerente às suas vivências e práticas sociais cotidianas, quer seja na rua, participando de atividades de protestos com ou sem ligações com entidades políticas, nas organizações religiosas, políticas, nos grêmios estudantis, centros ou diretórios acadêmicos universitários e organizações não governamentais. Essa forma de ativismo quase sempre está ligada a um movimento organizado ou espontâneo de reivindicar direitos sociais. Contudo é preciso chamar a atenção para fatos e experiências que estejam relacionadas às ações de estímulo de um ativismo que não nasce em setores como os supracitados. Necessitamos discutir, relatar ou grafar sobre as possibilidades de incentivo a um tipo de aprendizado que esteja relacionado à concepção de ideias a partir da comunicação social nos espaços educativos, envolvendo a Universidade, a escola (pública ou privada), os professores e a comunidade (esta última sendo considerada espaço educativo).

Em linhas gerais a sociedade civil tem demonstrado uma carência sem medidas da distribuição do conhecimento para a juventude, em relação aos seus direitos, em relação aos conhecimentos sobre a mídia, sobre o quadro político e social da sua sociedade e, sobretudo, sobre como se relacionar com as tecnologias da informação, explorando suas formas de significados, usos e aplicabilidades. Nota-se, de um modo geral, um quadro no qual ocorrentes manifestações por direitos políticos e sociais têm como protagonistas e coadjuvantes uma juventude que, de certa forma, desconhece as maneiras de participação e, em certa medida, a que se destina a sua presença nesses movimentos ativistas.

Essa juventude geralmente é formada por estudantes, quer sejam de nível básico, médio ou superior, alguns coincidentemente também são trabalhadores ao mesmo tempo em que estudam. Outros só trabalham e os outros nem estudam nem trabalham, vivendo na ociosidade. Frequentemente, e na expressiva maioria são mobilizadas pelas redes sociais virtuais, em uma convocação a partir da qual não se identificam lideranças e as informações acerca das motivações para as manifestações são imprecisas e infundadas, por que não há planejamentos nem debates antecipados para se esclarecer as reais necessidades das

mobilizações. Esse é um contexto em que se sente a precária participação de ativistas articulados através do pensamento crítico ou do pensamento objetivo, nas ações reivindicatórias.

A movimentação em rede é campo significativo dos estudos de diversas áreas científicas na atualidade, como História, Psicologia, Antropologia, Ciências Sociais e Comunicação. Alguns estudos são interdisciplinares, caminhando entre essas áreas com o objetivo de compreender melhor as processualidades desenvolvidas no ciberespaço. Este, por sua vez, é um conceito cunhado por Lévy (1999) como:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17).

Os conflitos entre os grupos sociais não tiveram origem no ciberespaço, mas atualmente desenvolvem suas operações nele. Os próprios fluxos das diferentes formas de manifestações sociais em rede, como o ciberativismo, midialivrismo ciberativista e midialivrismo de massa (MALINI; ANTOUN, 2013), são distintas. Enquanto a primeira é um sinônimo de "ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa" (p.20), a segunda busca a liberdade de expressão e a terceira objetiva a democratização da comunicação em relação aos grandes conglomerados midiáticos.

Entrelaçando a discussão provocada até este ponto com a questão das Epistemologias do Sul, conforme Lander (2005), por ser parte do tecido hegemônico vigente, o Liberalismo é tido como normal e de plena eficiência. Não são exploradas ou sequer mostradas outras ordens de vida. Não é recente a pregação de que o pensamento neoliberal é o ideal para a civilização. Essas ideias fazem parte de um contexto histórico e estão enraizadas na cultura das pessoas. Para a construção dessa ideia hegemônica acerca do neoliberalismo, a história pontua os episódios de vencimento à resistência. Isso faz com que as pessoas continuem alimentando o pensamento de que esse é o modelo de vida ideal.

As relações de poder atualmente também sofrem influências da ideologia neoliberal. O valor excessivo atribuído à riqueza, por exemplo, inclusive aumenta a desigualdade social e o preconceito de classes. Dessa forma, a organização do mundo dentro do contexto neoliberal e a consequente exclusão da América Latina. Na visão europeia do mundo, tudo aquilo que está fora de seu campo de alcance territorial e cultural é considerado “arcaico” e “atrasado”. Sobre isso, o autor pontua:

Na autoconsciência europeia da modernidade, estas sucessivas separações se articulam com aquelas que servem de fundamento ao contraste essencial estabelecido a partir da conformação colonial do mundo entre ocidental ou europeu (concebido como o moderno, o avançado) e os “Outros”, o restante dos povos e culturas do planeta (LANDER, 2005, p.10).

As relações coloniais de exploração - não apenas no campo do trabalho, mas também da ciência e da intelectualidade - não é exclusividade dos tempos remotos do descobrimento das Américas. O sistema Capitalista de produção insiste na hierarquização da economia, política e cultura, retroalimentando o eurocentrismo como ideal. Os saberes são endossados em padrões matemáticos e exatos de rigor científico, sendo invisibilizados ou marginalizados aqueles não enquadrados nessas métricas - como, por exemplo, o conhecimento popular sobre as experiências de estar no mundo.

Os estudos pós-coloniais se desenvolvem indo de encontro aos ideais eurocêntricos de produção científica, levando em consideração as realidades de cenários comumente ignorados, tais como os países da América Latina e África. Nesses espaços, existem especificidades históricas, políticas, econômicas e sociais completamente distintas do continente Europeu, o qual não pode, portanto, ser utilizado como centro único de investigação e padronização espaço-temporal do mundo. Constitui-se, portanto, a ideia de um Sul global permeado por novas dinâmicas e experiências que devem ser discutidas para além da visão de matéria-prima da dominação. Nesse sentido:

É possível afirmar que, em todo o mundo ex-colonial, as ciências sociais serviram mais para o estabelecimento de contrastes com a experiência histórica universal (normal) da experiência europeia (ferramentas neste sentido de identificação de carências e deficiências que têm de ser superadas), que para o conhecimento dessas sociedades a partir de suas especificidades histórico-culturais (LANDER, 2005, p.14).

Surge, a partir daí, reflexões e estudos sobre as Epistemologias do Sul, que questionam a presença do colonialismo na formação das epistemologias mundialmente dominantes, visto que o colonialismo fez com que culturas nativas de diversos povos fossem reprimidas em prol da implantação de uma ideologia dominante considerada “superior”. As práticas e atores sociais levam ao surgimento de diversas epistemologias. O confronto de conhecimentos rivais também pode sugerir a idealização de um conhecimento derivado deles. Assim, as formas de pensamento do ocidente são mais levadas em consideração, especialmente no contexto cultural, do que aquelas pregadas pelos povos do sul geográfico. As Epistemologias do Sul, por conseguinte, são configuradas como “a diversidade epistemológica do mundo”. Segundo Santos e Meneses, tratam-se:

(...) do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS; MENESES, 2010, p.12).

O conhecimento científico, neste âmbito, assume o caráter de verdade incontestável, tornando os outros tipos de conhecimento – como os saberes populares – dispensáveis e opinativos. Santos e Meneses (2010) discutem que o pensamento abissal se propõe quando a ciência moderna detém o controle unitário da verdade, excluindo outros tipos de conhecimento (como a filosofia), criando uma disputa epistemológica entre o que seria considerado realmente científico ou não.

Nesse prisma de abordagem, “o conhecimento dos “outros”, o conhecimento “tradicional” dos pobres, dos camponeses, não apenas era considerado não pertinente, mas também como um dos obstáculos à tarefa transformadora do desenvolvimento” (LANDER, 2005, p.17). A modernidade era apresentada como única forma de desenvolvimento do mundo, sendo a urbanização um caminho inevitável para a construção de uma sociedade moderna. O que não se enquadra nessa perspectiva é considerado retrógrado e como um obstáculo ao progresso social.

As Epistemologias do Sul, com a ideia da ecologia dos saberes, pauta um pensamento pós-abissal que tem como objetivo a ampliação da diversidade epistemológica ao redor do

mundo, reconhecendo as variadas formas de conhecimento além do científico, valorizando a justiça cognitiva e combatendo o epistemicídio.

A ideia eurocêntrica de que apenas o conhecimento científico rigorosamente tradicional e exato é aceitável faz com que os demais saberes sejam invisibilizados. Sobre o conhecimento dominante, acredita-se que “a sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha” (SANTOS; MENESES, 2010, p.25).

A partir desse trecho, podemos refletir, no campo da Comunicação, sobre áreas comumente marginalizadas e invalidadas, como a Folkcomunicação e a Educomunicação, por serem vertentes da *práxis* as quais valorizam os saberes populares e a interdisciplinaridade. Neste tópico do texto, a ideia das Epistemologias do Sul será a base da reflexão acerca dessas duas áreas enquanto epistemologicamente afins e dialogais.

Dessa forma, Soares (1999) delinea o conceito de Educomunicação a partir das relações dialógicas e interativas entre os atores sociais de um ambiente educacional, sendo a interface entre a comunicação e a educação. Nessa vertente, a ação educativa, através da comunicação, proporciona trocas de experiências e vivências as quais contribuem para o desenvolvimento de uma prática social transformadora. Para o autor, a Educomunicação trata-se de:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 115).

Os usos das tecnologias de informação e comunicação no ambiente educacional, o desenvolvimento de projetos de comunicação para o processo de educação, a leitura crítica dos produtos midiáticos e seus impactos e a autorreflexão sobre a Educomunicação como campo científico são vertentes de estudos da área.

Inaugurando o processo hermenêutico da interface entre a educação e a comunicação, as discussões de Paulo Freire propuseram fundamentos para a reflexão educacional em um viés dialógico e igualitário. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que

não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 69). De acordo com ele, essa relação é pautada no diálogo à medida que o educador torna-se educando no próprio processo de ensino, pois à medida que ensina, também aprende. Por essa razão, o afeto e a consciência crítica unem-se em torno de uma prática educacional transformadora - e concomitantemente política.

É inevitável pensar a sociedade atual sem a presença das novas tecnologias. Estas perpassam diversas áreas do convívio humano das mais simples atividades, como acordar com um despertador do *smartphone*, até outras mais imersas, como a prática ciberativista em rede. Isso inclui, por conseguinte, o ambiente comunicacional e suas práticas. Os dispositivos tecnológicos proporcionam diferentes formas de comunicação, diálogo e expressão sociocultural, processos consistentemente investigados pela Educomunicação tanto na teoria quanto na prática.

Preocupar-se com ecossistemas comunicativos em espaços educacionais é levar em conta que a escola é espaço complexo de comunicações, no qual o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia –, para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos. Para tal, é necessário que a escola esteja preparada para enfrentar e dialogar com percepções de mundo diferentes das que enfrentava décadas atrás. (SARTORI, p.46).

Já em relação à Folkcomunicação, de acordo com Trigueiro (2008, p. 30) “comunicação e cultura devem ser estudadas juntas, porque representam realidades muito próximas, são campos multidimensionais e integrativos”. Para a conceituação deste estudo, nos utilizaremos das contribuições de Beltrão (2001, p. 79) que define a Teoria da Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. Essa teoria compreende os estudos dos processos comunicacionais advindos através das classes populares, e a representação da inserção resulta no que deve ser a aliança entre a comunicação e cultura. Como incentivo ao desenvolvimento dessa investigação, visualiza-se que o folclorista brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, destinou a Beltrão uma carta motivadora:

O seu artigo-de-abertura (...) é um magnífico *masterplan*. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. (...) Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de prisioneiros profissionais. (CASCUDO, 2013, p. 287).

Diante disso, compreende-se a esfera de relevância na qual se instaurava a teoria, contribuição essa que trouxe para o campo comunicacional discussões pertinentes. Busca-se fundamentar essas contribuições visando agregar ao conhecimento acerca da teoria da Folkcomunicação, a compreensão de seus aspectos teórico-metodológicos para o entendimento das práticas comunicativas sociais direcionadas ao meio popular. De tal forma, os estudos voltados às ações se justificam por deterem discurso alternativo que confere a ruptura com os centros hegemônicos para a propagação de informações no contexto folkcomunicacional em associação ao ativismo midiático.

Destaca-se ainda a contribuição de Marques de Melo (2008) ao ressaltar o interesse crescente da nova geração acadêmica pela disciplina da Folkcomunicação, esta que “é a gênese de uma teoria autenticamente brasileira de comunicação” (SCHMIDT, 2010, p.262).

A pesquisa a respeito do projeto não significa apenas relatá-lo em si, mas também, compreender os impactos sociais causados pelas ações em sua realidade e refletir acerca do processo como um todo.

Em se tratando da tese de Beltrão, esta foi dedicada a elucidar as estratégias e os mecanismos utilizados pelos agentes folkcomunicacionais no intuito de tornar inteligíveis fatos (informações), ideias (opiniões) e diversões (entretenimento). Seu argumento implícito retrata que as manifestações populares, acionadas por agentes, também detém relevância comunicacional para além das difundidas pelos *mass media*⁸. Esse estudo foi possível através dos postulados de Lazarsfeld e seus discípulos acerca do *two-steps-flow-of-*

⁸ Os *mass media* são sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação.

*communication*⁹, o qual Beltrão identificou, além de uma semelhança, mas sim, um avanço sobre a teoria em questão. Dessa forma, Beltrão compreendia que a Folkcomunicação se dava pelo processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas). (MARQUES DE MELO, 2006, 2007).¹⁰

Reconhece-se, através do exposto, que essas associações refletem nos processos comunicacionais e de interação, como define Sgorla (2009, p.61):

Os múltiplos entrecruzamentos entre mídia e sociedade têm produzido, hoje, transformações importantes no modo de presença dos atores sociais individuais e coletivos na contemporaneidade, nas práticas diárias, nas relações, na cultura e na identidade deles.

Diante dos novos formatos da sociedade contemporânea, as redes cotidianas propiciam que a audiência detenha uma ruptura em relação à condição de anonimato, assumindo um papel de visibilidade, de significação em seus grupos de referências (TRIGUEIRO, 2006). Em virtude da reflexão acerca das características culturais e as práticas de resistências adquiridas através do conceito dos processos comunicacionais (Woitowicz, 2014), compreende-se diante da proposta de atuação dos alunos, a formação da identidade e a propagação de mensagens como prática e busca pela emancipação social. Ao identificar essas temáticas, pode-se reconhecer uma postura ativista enquadrada diante dos sistemas folkcomunicacionais, que Trigueiro (2008) nomeia como “ativista midiático”.

Nesse novo espaço se reconhece a importância dos ativistas midiáticos dos sistemas folkcomunicacionais que atuam nos movimentos participativos da cidadania, como agentes comunicadores vinculados aos movimentos culturais que utilizam estratégias, que legitimam a sua participação como cidadãos conscientes do seu papel na organização da sociedade civil. (TRIGUEIRO, 2006, p.08)

Para atender ao objetivo de discutir as aproximações entre a Folkcomunicação e a Educomunicação, na perspectiva da formação do ativista midiático (TRIGUEIRO, 2008) na

⁹ Segundo Corniani (2005, p. 01) “em todo grupo existem indivíduos que tem mais contato com os meios de comunicação e, ao mesmo tempo, direcionam a comunicação interna do grupo, segundo o paradigma de L “two steps flow of communications”. O autor destaca ainda que o paradigma em questão segue caminho inverso acerca dos conceitos da teoria hipodérmica, pois existem os elementos pessoais do público e estes são diretamente ‘atingidos’ pela mensagem.

¹⁰ Diálogos iniciais acerca da temática apresentado no XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação/ Recife – Pernambuco.

escola pública e os desdobramentos para o ativismo midiático-político-social, como sendo uma ação de agentes em formação para uma futura conscientização da necessidade de agir pelo reconhecimento da cidadania e da busca pela emancipação. Na nossa perspectiva, o ativista midiático-político-social detém, em tese, os conhecimentos técnicos para produzir conteúdos midiáticos que possam ser utilizados na defesa dos seus direitos, da sua cidadania e da sua emancipação. É ao mesmo tempo um líder de opinião (BELTRÃO, 1980) e um ator que prioriza a mídia como forma de denúncia e de exposição das agressões aos Direitos Humanos e Sociais. Nesse contexto estamos trabalhando na perspectiva da formação desse sujeito, na perspectiva da formação das competências (NÓVOA, 2000), a exemplo da experiência vivenciada e apresentada em (NOBRE e GICO, 2016).

A nossa perspectiva de aproximação da Folkcomunicação com a Educomunicação vem sendo pensada nas experiências vivenciadas na Escola Pública ao priorizarmos a formação da competência de líderes de opinião, de atores de transformação social, em conformidade com Santos (2002) ao refletir sobre os processos de Globalização: “acerca das mudanças atuais do sistema mundial em transição e dos caminhos que aponta: a leitura paradigmática e a leitura subparadigmática” (SANTOS, 2002, p. 89). Dessa forma, para o autor: “Os argumentos paradigmáticos apelam a atores coletivos que privilegiam a ação transformadora enquanto os argumentos subparadigmáticos apelam a atores coletivos que privilegiam a ação adaptativa. (SANTOS, 2002, p. 93).

A Educomunicação nos oferece a possibilidade de termos a escola como um espaço privilegiado para a formação do ator-transformador social, tendo a comunicação social como motivador dessa proposta. Não desejamos aqui inferir que esse ator estará pronto para desenvolver suas habilidades em prol das suas necessidades políticas, sociais e culturais, mas nele poderemos plantar a semente do produtor de ideias que possam no futuro serem utilizadas em defesa da sua classe social. Para melhor visualização, apresentamos a imagem 03:

Imagem 03: Diagrama da possibilidade de formação do ativista midiático político-social-cultural



Fonte: elaboração própria

Logo, a possibilidade de formação do ativista midiático político-social-cultural surge da intersecção dialogal entre o conceito de ativismo midiático (TRIGUEIRO, 2008), ligado ao contexto da produção midiática em rede com caráter político e ativista (MALINI; ANTOUN, 2013) a partir da atuação de atores coletivos imersos em um objetivo de transformação social (SANTOS, 2002). Observamos, no âmbito escolar, o ambiente propício para o desenvolvimento desse prisma do ativismo a partir da comunicação social ligada à educação.

Considerações Finais

A problematização feita neste texto é resultado da partilha de experiências que tem como palco o ambiente escolar entre os alunos da escola pública e da universidade. Dialogicidade, sensibilidade e uso das mídias digitais e da Internet são caminhos trilhados que estão gerando inferências incipientes acerca de nossas produções. Ou seja, podemos

observar os alunos ganharem autonomia e produzirem o próprio conteúdo, como é o caso de um jovem que criou um canal no site Youtube; e de uma estudante que está planejando a escrita de um livro, ambos estimulados pela experimentação no projeto extensionista.

Essas iniciativas, no contexto escolar e da comunidade, estão ganhando audiência, assim como o próprio Mais Guarapes Comunicação está ganhando visibilidade nesse ecossistema. Os alunos integrantes começam a ter uma nova percepção da vida a partir das vivências no projeto. Os demais colegas, por sua vez, também começam a perceber os participantes de uma forma diferente e apresentam interesse na participação também.

Todas essas questões são motivadoras para que os jovens tenham sua autoestima estimulada e possam ser incentivados e pensem em uma nova relação com a sociedade a partir da produção de conteúdo midiático. Por conseguinte, as conclusões apresentadas na finalização deste trabalho são germinais e provocativas para a produção de novas pesquisas e produções nesse âmbito, pois essa experiência prática pode levar os alunos a serem futuros ativistas midiáticos de grande alcance os quais poderão influenciar tanto a sua comunidade local quanto a sociedade civil a partir dos seus pensamentos e suas formas de produção. Acreditamos, assim, que estamos lançando uma proposta que pode ser uma perspectiva de futuro, pois o desenvolvimento das atividades revelará os sinais e tendências da busca incessante pela emancipação social, luta por direitos e reconhecimento da cidadania.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta a Luiz Beltrão Sobre o “Ex-Voto”. In: MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Comunicações & Problemas Luiz Beltrão**. São Paulo: INTERCOM, 2013a. p. 282-287
Coleção Beltranianas, Parte 1, v. 4.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORNIANI, Fabio. **Afinal, o que é Folkcomunicação**. Trabalho apresentado no Encontro de Mídia Cidadã, São Bernardo do Campo, 2005. Disponível em: <
http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_pingos_fabio.pdf> Acesso: 07 ago. 2017.

DI FELICI, Massimo. **Ser redes:** o formismo digital dos movimentos net-ativistas. Revista Matrizes, ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013 - São Paulo - Brasil. P.49-71.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. (Coleção Sur Sur). Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_e_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf >. Acesso em: 14 out. 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua:** ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARQUES DE MELO, José. De volta ao futuro: da folkcomunicação à folkmídia. In: SCHMIDT, Cristina. (Org.) **Folkcomunicação na Arena Global:** avanços teóricos e técnicas metodológicas. São Paulo: Ductor, 2006, p. 17-36.

_____. Folkcomunicação. In: GADINI, S. L. & WOITOWICZ, K. J. (Orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007, p. 21-24.

_____. **Mídia e cultura popular:** história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

NOBRE, Itamar de Moraes; GICO, Vânia de Vasconcelos. **Aproveitar experiências:** uma abordagem sobre comunicação e educação, formação das competências e emancipação social. Revista Cronos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRN). Natal, v. 17, n.1, jan./jun. 2016.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. – São Paulo: Paulinas, 2011. p.159-174. Coleção Educomunicação.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: _____ (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 25-94.

_____; MENEZES, Maria Paula. [orgs.]. **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e sua relação com a escola:** a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. In: Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol. 7 n .19, jul.2010, p. 33-48.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: memória institucional. In: CASTRO, Daniel; MARQUES DE MELO, José; CASTRO, Cosette (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Ipea, v.3, 2010, p. 262-281.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

SGORLA, Fabiane. **Discutindo o “processo de midiaticização”**. Revista Mediação. *Belo Horizonte*, v.9, n.8, 2009, p. 60-68.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação**: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte. Brasília: UNB, ano 1, n. 2, p. 5-75, jan./mar, 1999.

_____. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In BACCEGA, M. A. (org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Ativismo (folk)midiático e estratégias de luta na Marcha das Vadias**: recortes da ação política nas ruas e nas redes. 2014.